

HISTÓRIAS DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Erica Franceschini
Mestra e Doutoranda em Psicologia Social e Institucional

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: ericafranceschini@hotmail.com

EDIS: Estudos das Infâncias, Juventudes e Velhices

Resumo: Este trabalho parte dos estudos que problematizam o trabalho com famílias no âmbito da Assistência Social no Brasil, considerando a realidade dos programas de acolhimento institucional para crianças e adolescentes. Acompanhando os processos de institucionalização que daí decorrem, levantamos questões que perpassam a via da construção de histórias de vida, neste caso, especificamente, com foco na adolescência de meninas pertencentes a uma instituição de acolhimento. Para tanto, Michel Foucault nos ajuda a pensar os processos de saber e poder que insistem em posicionar o adolescente institucionalizado na infâmia e, a partir das escritas destas adolescentes e do método da cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tornamo-nos testemunhas de suas histórias e as ampliamos para além dos diagnósticos biopsicossociais, de modo a reencontrar potencialidades nestas narrativas, enquanto outras vidas e adolescências possíveis.

Palavras-chave: Acolhimento Institucional, Adolescência, Histórias de vida, Passagem, Instituição de Acolhimento.

Este trabalho constitui-se em um recorte de uma pesquisa realizada no contexto de uma instituição de acolhimento para crianças e adolescentes de 0 a 18 anos de idade, localizada em um município do interior do Rio Grande do Sul. Neste espaço, buscamos lançar um olhar sensível e, ao mesmo tempo crítico, sobre as malhas sociais dos dispositivos atuais de proteção, uma vez que nos deparamos com vivências de infâncias e de adolescências marcadas por uma história de violação e riscos sociais, o que equivale dizer que tais vidas estariam subjugadas por um discurso que as toma como parte de um conjuntura atribuída à camada infame da vulnerabilidade social. A infâmia que se desdobra do poder das instituições de acolhimento, por sua vez, não se dá apenas pelo levantamento dos muros de concreto que separam um dentro e um fora da instituição, mas, pela constituição de um aparato institucional que levaria tais vidas ao desaparecimento, à medida que estas são entrecortadas por enunciados que as posicionam nas margens da sociedade – fazendo delas a barbárie do mundo moderno.

Portanto, adentrar a instituição de acolhimento também se traduz como uma convocação para se problematizar as políticas públicas e os modos de ser criança e adolescente na atualidade, buscando compreender, nesta pesquisa, como ocorre a passagem da adolescência em meio ao

processo de institucionalização, quando encontramos dados de que, ainda hoje, a juventude institucionalizada é percebida como problemática, marginal, carente, abandonada e pouco qualificada (ARPINI, 2003). Assim, nossa inquietude transcenderia a percepção do processo de institucionalização como uma ocorrência universal, a fim de se considerar os processos de subjetivação do adolescente institucionalizado. Por conseguinte, passamos a estimar que o processo de adolecer, enquanto passagem, não se determina por fatores unicamente desenvolvimentais, mas, no momento em que nos perguntamos que histórias perpassam a instituição de acolhimento, passamos a crer num cotidiano a ser construído como uma passagem intensiva, dando atenção aos efeitos que insurgem quando nos colocamos a caminhar, efetivamente, ao lado e com outras vidas.

Diante disto, desejamos apresentar uma experiência no campo do acolhimento institucional com uma adolescente do sexo feminino que, através da escrita, pôde contar, ela mesma, sua história de vida – o que marca a diferença de sua história ser contada pelos “documentos oficiais”, confeccionados pelos *experts*. Nesta vertente, nos atentamos à analogia da adolescência enquanto passagem e da passagem pelo acolhimento institucional como um ponto transversal de nossa problemática. Ademais, levantamos a questão da própria constituição do feminino neste espaço que, apesar de não ser foco nesta escrita, aponta que os processos de subjetivação estão intimamente ligados às discussões de gênero. Logo, tomamos as narrativas da adolescência feminina construída neste espaço institucional como um sintoma profícuo para um repensar das práticas de proteção que são propostas nas políticas públicas atuais – neste caso, a proteção se apresenta objetivada pela busca do desligamento da instituição – passando a dar espaço à vida cotidiana destas adolescentes que resistem mesmo quando tudo impele ao seu apagamento. Neste sentido, acompanhamos a adolescência que está posta nas políticas públicas de Assistência Social em uma esfera macropolítica que cobre apenas o visível e recorta os sujeitos em categorizações, colocando-os em oposições binárias: *adolescente x adulto, adolescente institucionalizado x adolescente*. De imediato, quando nos movimentamos em direção à uma intervenção do cotidiano, a adolescência desloca-se para um outro plano denominado micropolítico, onde busca-se que o primeiro movimento do desejo (ROLNIK, 2006) ganhe a superfície, gerando linhas de afetos e de intensidades, produzidas no agenciamento entre corpo(s) e mundo(s).

Diante de tal perspectiva, questionamo-nos e trazemos como nosso problema de pesquisa a questão: como as adolescentes em situação de acolhimento institucional atribuem sentidos às suas vivências? Longe de prover uma única “imagem do mundo” ou único modo de pesquisar utilizamos a cartografia como método de pesquisa, uma vez que esta se interessa pelos detalhes insignificantes,

indo além das formas visíveis, para se levar em conta as forças em ação. Assim, quando lidamos com as forças e não apenas com as formas, passamos a produzir uma verdade que agora só pode emergir de um encontro, que se desfaz logo em seguida para se encontrar com outra coisa, ainda desconhecida, impessoal e rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995). A partir da cartografia, partimos para uma proposta de intervenção que modifique o sentido da passagem, bem como redimensione a perspectiva de proteção ao se considerar o movimento de transição (como um andarilhar) que deixe o pesquisador afetar-se pelo meio e por aquilo que o interpela.

Consideramos, assim, nossa intervenção uma experimentação, quando partimos da apresentação de um dispositivo visual como intercessor na construção de narrativas que se insinuam nas malhas institucionais, não como uma verdade a ser revelada, nem como conteúdos passíveis de interpretações reducionistas, mas como um modo de afirmar a vida adolescente. A princípio, a proposta que foi realizada através do grupo, visou, num primeiro momento, o acolhimento da expressão, daquilo que escapa aos determinismos institucionais, para oportunizar uma escrita de si, constituindo-se em uma estratégia de cuidado de si, pois, “a escrita constitui uma prova e como que uma pedra de toque: ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (FOUCAULT, 1992, p. 131). Deste modo, propomos quatro momentos grupais, sendo que no primeiro, apresentamos um vídeo do Canal do Youtube, *5incominutos* de Kéfera Buchmann, chamado *50 fatos sobre mim*, no qual a atriz Kéfera fala sobre si de uma forma íntima, conta sua história através de 50 momentos de sua vida que podem ser considerados cotidianos e até mesmo banais, porém, carregam a força de olhar para aquilo que, por muitas vezes, escapa ao nosso olhar. Em seguida, propomos que as adolescentes pudessem, elas mesmas, escreverem seus fatos, sendo que nos três encontros que se seguiram compartilhamos as escritas, possibilitando a circulação de vozes que criaram uma polifonia dos modos de ser adolescente.

Assim, apresentamos abaixo uma narrativa possível para a adolescente que aqui denominamos de *Ela* e, em anexo, trazemos os fatos que por *Ela* foram descritos, mostrando como a história foi construída com o objetivo de deixar emergir as sutilezas de uma vida, no encontro daquilo que é considerado menor e que aqui vem sofrer um novo encantamento. Por isso, a história que segue, não é apenas uma história, mas pequenos pontos de luz (como vaga-lumes) que cintilam na noite escura, resistentes, encobrendo o céu como um manto macio de estrelas, como aquilo que encontramos debaixo das grandes luzes do saber.

História 1 – Ela: Palavras perfuradas.

Em casa, todos reclamam quando ela quer dormir um pouco mais e ela logo admite: “sou preguiçosa!” Ela admite e fala e gosta de falar demais. Fala como se não tivesse nenhum medo, como se nada pudesse lhe atingir e quando solta as palavras, sente como se o mundo inteiro pudesse a escutar. Ela tem palavra pra tudo: tem palavra pra amiga, pra inimiga, pra namorado. E ela gosta disso; até muda sua postura pra parecer mais sábia – como aquelas que vivem em cabanas no meio da floresta, mas que à noite, precisam voltar à cidade, pra não terem que dormir no escuro e, mesmo assim, dormirem sozinhas.

A conheci quando ela estava usando uma saia rosa poá. Disse que não gostava de seu cabelo loiro e, de tempos em tempos, passou a mudar cor: preto, vermelho, amarelo, rosa e lilás. Sua cor preferida era preto, mas não gostava de rock, gostava de *piercings* e gostava tanto que aprendeu sozinha a inserir na pele qualquer metal, no mais profundo que pudesse. Ela permanecia diante do espelho, procurando um novo lugar aonde, sem anestesia, pudesse perfurar o corpo, encontrar o ponto em que a dor viesse por sua conta, sem a interferência de mais ninguém. Faria ela mesma doer, daria a si mesma o lugar de cada marca, de cada cicatriz que quisesse, inventaria um mapa para seu corpo, porque ela é “dona do seu umbigo” e tudo que ela quisesse, acreditava, conseguiria. E tendo palavra de sábia costurou para si um corpo/manto feito de *piercings* para se proteger, não deixando que nada de ruim pudesse a abater.

Ela é toda intensa, toda cheia de extremos: um dia ela ama, no outro odeia, num dia ela quer, no outro não quer mais. Seu ciúme a prende, sua coragem também. Ela que saiu garimpando o mundo e empoeirando-se para encontrar um pai, não encontrou um laço sanguíneo, mas encontrou mais uma pessoa por quem se apegar – já que ela se apega fácil às pessoas, aos ursinhos de pelúcia e ao sétimo ano da escola, aonde ficou por dois anos seguidos. Todavia, ela é tão inteligente que compreendeu desde cedo que mesmo sem gostar de estudar, aprenderia facilmente a lidar com a vida, a lidar com a frustração e a inventar rotas alternativas para poder voltar pra casa: um dia era uma estorinha de ter corrido pelo hospital pra não tomar injeção, no outro, ela contava dos beijos que dava em seu velho roupeiro. Contava de ter tido uma bicicleta e de ter que fazer três pontos no queixo quando dela caiu. E no final, sempre gostava de falar da “bisa”, uma velhinha perneta que passava o dia escovando os gatos e que guardava balinhas em potes, num lugar especial. Certa vez, ela quis experimentar as balinhas da bisavó e descobriu que balinhas eram remédios e que a “bisa” falava arrastado porque os remédios tipo balinhas deixavam a gente grogue. – Ah! A “bisa” pensou, - “que mania essa de ela colocar tudo o que encontra na boca: balinha, sapato, gatinho...”

Quando ela cresceu e a bisavó se foi, ela decidiu escovar os gatos que, sem a “bisa”, estavam todos despenteados. Foi necessário apenas uma escovada pra florescer nela uma paixão inexplicável pelos animais: “quero cuidar de todos eles e quando crescer, quero minha própria loja de animais pra saber que eles estão sendo bem escovados”. E nunca mais tirou essa ideia de sua cabeça, colando ao seu manto tudo que pudesse sobre gatos, cachorros, passarinhos. E como um passarinho também aprendeu a ter gosto pela música: ela que não gostava de rock, aprendeu a tocar bateria, a fazer teatro, a jogar futebol. Ela aprendeu que ser livre é poder escolher e que não importa se ela tinha ou não autorização pra isso, haviam rotas que sempre seriam suas, onde sempre poderia escolher não comer carreteiro ou polenta e se encher de macarrão.

De tantas rotas que ela inventou, entre a casa da infância, entre o manto, entre tudo aquilo que gostava e não abria mão – pintar as unhas, fazer chapinha no cabelo dos outros, TV, internet, criança, matemática, tomar chimarrão – acabou encontrando um lugar especial, um lugar que podia se refugiar quando seu choro fácil vinha por qualquer razão. Achou um lugar onde pudesse fazer o que quisesse, onde podia comer areia com cola, dormir até mais tarde, ter palavra pra tudo. Encontrou a “barranca” onde passava algumas horas até sentir que seu manto estava renovado para voltar, e quando voltava, tudo parecia melhor, mais claro, menos barulhento. Até que um dia, chegou na sua “barranca”, provida de manto, de *piercing*, de choro e encontrou um fantasma feito “bicho” e ficou com trauma da “barranca”. Desde então, nunca mais encontrou um lugar pra deixar os desaforos e precisou, ela mesma, resolver não levar desaforo pra casa.

Então, ela vestida com saia rosa poá, se tornou durona pra não deixar “ninguém passar por cima de mim”. Ela que tinha seu manto, suas rotas, inventou um lugar para guardar seus prazeres e começou a estragar os prazeres dos outros. Ela, que tinha palavra pra tudo, todavia, não tinha gosto por suas orelhas e queria mudar – não para escutar melhor, mas para escutar aquilo que não tem som: se amiga entende, se namorado deseja, se mãe ama. E quem, afinal, ela perdoa? Se pelo menos cada espirro depois do almoço significasse alguma coisa, seu manto, seus *piercings*, suas marcas, poderiam ser revestidos de significados e de sentidos e não apenas palavras, palavras pra tudo. Ela que não gosta de rock e nem de acordar cedo, que se revira na cama e troca de música quando todo mundo está ouvindo; ela que anda por aí com fones de ouvido, curtindo a vida, com uma mania estranha de achar que vai morrer. Ela que, talvez, por essa razão, preze tanto a vida, goste tanto de brigar, feito gente grande e de assistir desenho animado, feito criança. Ela, então, continua procurando, com a crença de que um dia terá seu lugar.

Considerações finais

Da história escrita acima, os elementos que contam uma vida são aqueles que a adolescente *Ela* escreveu sobre si. Neste exercício, somos testemunhas não de sua biografia, mas de uma passagem intensiva que pode ainda proliferar possíveis. Insistimos, nesse ínterim, nessa dimensão dos possíveis, à medida em que tomamos as histórias de adolescentes em situação de acolhimento não como documentos para produzir seu desligamento, mas como uma parada no cotidiano, onde podemos perceber seus movimentos mínimos e como estes também as constituem, a partir daquilo que acreditamos: cada adolescente compõe em si uma multiplicidade. Nesse sentido, vale dizer, que parte de nosso olhar aprender a percorrer os interstícios a fim de que não vejamos apenas aquilo que aparece nas grandes superfícies, mas, como estrangeiros, mergulhamos em imprevisíveis que estão nas pequenas rachaduras, lugares onde também nós, podemos nos perder. Findamos esta escrita apontando que, nesta perspectiva, não nos cabe dar voz, mas fazer as vozes saírem do lugar do já dito, daquilo que se considera “natural” a uma adolescente em situação de acolhimento, para poder criar estranhamentos e, a partir destes, nos desacomodar daquilo que já pensamos saber, considerando que ainda há muitas possibilidades, não-saberes, infinitos deslocamentos em uma vida que não cessa de se modificar.

Referências

ARPINI, Dorian Mônica. Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 21(3), 70-75, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 09 jun. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs vol. 1: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

ROLNIK, Sueley. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.



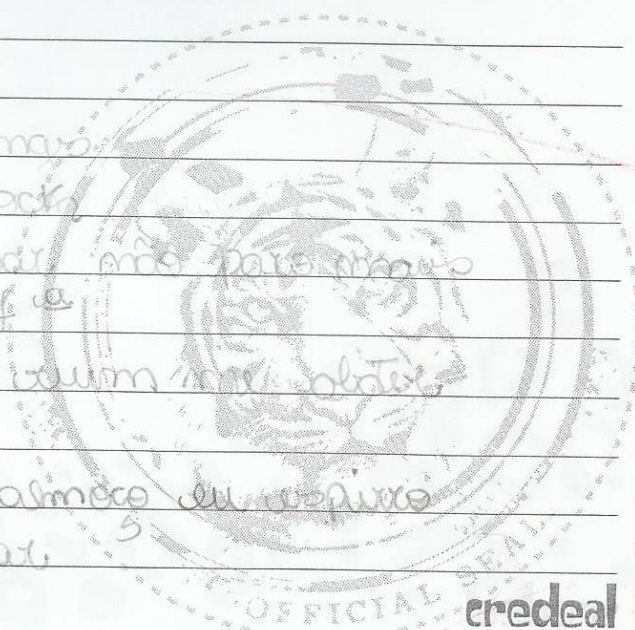
SENACORPUS
SEMINÁRIO
CORPUS POSSÍVEIS no BRASIL
PROFUNDO

ANEXO



1. Fatos descritos por Ela (2016).

- 1- Sei tocar bateria
- 2- olho como carretão
- 3- Odeio minhas orelhas
- 4- Quando eu era pequena comia areia com leite
- 5- odiava filmes de desenho
- 6- cheia quando qualquer coisa triste
- 7- Odeio acordar cedo
- 8- não ligo desafios pro casa
- 9- não como polenta
- 10- não durmo no escuro
- 11- Peguei um remédio do minha mãe e fiquei gague.
- 12- car de bra e fiz 3 ponto no queche
- 13- com 4 anos caxi o hospital antigo pro não tomar injec
- 14- odeio tirar foto fazendo biquinho
- 15- odeio criança
- 16- De mãe tudo que eu via batava na boca
- 17- como cuidar de vomitinho
- 18- gosto de jogar futebol
- 19- odeio matematica
- 20- gosto de lotar pirâmida
- 21- Odeio musica de Rock
- 22- Quando comeco a falar não paro pra
- 23- Fuiquei 2 anos no fca
- 24- Nunca odeio moda de homem mais solteiro
- 25- Sei muito aimentar
- 26- Todo dia depois que almoço eu respiro
- 27- olho gosto de estudar





28 Ades pontar minhas unhas.

29 todos fazer chapinha no cabelo dos outros.

30 quando eu quero algo eu consigo.

31 todos no cor preta.

32 mãe consigo ficar sem internet.

33 me apego facil nas pessoas.

34 usei muito preguiçoso.

35 odio dormir junto com alguém.

36 Tô toda hora demandando churrasco.

37 Eu como curso de pelucia

38 Eu usei uma vestiga prozer

39 Quando eu era pequena bijora o meu cabelo

40 Tenho mania de coçar que não mexer

41 Tenho traumas da barbonca

42 TV

43

44